

É preciso ter bons líderes

Congresso

IGNÁCIO DE ARAGÃO

23 JAN 1995

As votações da Câmara, da última quarta-feira, mostraram mais uma vez a importância política da boa escolha, pelos partidos, de seus líderes de bancadas, agora que se inicia a nova legislatura, um novo Governo ainda está às cegas apalpando o caminho e as expectativas do País continuam acesas, não foram apagadas pelo vento do desencanto. Todas as esperanças — do Governo e do povo — voltam-se ansiosas para o Congresso que se instalará em primeiro de fevereiro, já será convocado extraordinariamente dois dias depois, para tomar importantes decisões, e isso enquanto tem que estar montando a eleição de suas mesas diretoras. Se cada partido não tiver escolhido previamente as lideranças de suas bancadas, e para isso não levar em conta as extraordinárias responsabilidades que o País deferiu à nova legislatura, as votações poderão perder a sua magnitude e o Congresso, como um todo, o respeito público. Haja vista que estão na linha de montagem prestes a ser acionada, pelo menos, a reforma fiscal, a reforma da Previdência, a reforma do sistema financeiro, emendas à Constituição e, se deixarmos sol-

tos Serra, Clóvis Carvalho e Nelson Jobim, a reforma geral do Estado. O Governo e seus principais ministros pensam redesenhar, nos próximos quatro anos, um novo Brasil, em trabalho de conspícua reengenharia política e institucional.

Os três principais partidos da Câmara, PMDB, PFL e PSDB, já estão no bolso da casaca do Presidente: na quarta-feira, dizem os jornais, FHC, inquieto, ligou seguidamente do Planalto para Tarcísio (PMDB), Távola (PSDB) e Luís Eduardo (PFL), na Câmara. E fez bem, é assim que deve agir politicamente o Presidente, não pode ficar mandando recadinhas, tem que falar ele mesmo com os líderes. Restam os outros principais partidos, dos quais, a quarta bancada na Câmara, independente e sólida, com mais de 10% dos parlamentares que compõem a Casa, é o PPR. Para onde o PPR pender, tudo indica, formar-se-á a maioria nas votações.

Daí, a importância de que se revestirá a próxima escolha do líder do PPR, na Câmara, a que concor-

rerá, dentre seus pares, o deputado Francisco Dornelles, do Rio de Janeiro. Quem o conhece, e percebe as circunstâncias especiais em que se desenrolará a próxima legislatura, sabe que Dornelles é, no PPR, o nome mais indicado para a liderança de sua bancada. Tributarista, professor da matéria, ex-secretário da Receita Federal e ex-ministro da Fazenda, deputado federal de terceiro mandato, sua trajetória política acentua a equilibrada origem mineira com o traquejo desenvolvido no Rio de Janeiro. É parlamentar de primeira linha e sempre soube conduzir-se com energia, discernimento e compreensão. Por isso, vem sendo seguidamente reeleito pelo eleitorado mais crítico e exigente do Brasil que é o da antiga capital federal. Sua escolha, pois, é do maior interesse do PPR e da Câmara.

Seria de todo conveniente que os demais partidos também viessem a eleger líderes com as qualidades políticas, culturais e humanas de Dornelles. O Congresso ganharia muito.

■ *Ignácio de Aragão é escritor*